

STAR

E P I S Ó

“Filmar *Guerra nas Estrelas* foi estranho. Acho que todos suspiramos aliviados quando terminaram as filmagens, e eu me esqueci do filme até a sua estréia. Então, surpresa! Um filme brilhante!” Esta declaração de Anthony Daniels, o homem que se acostumou a vestir a lataria amarela de C-3PO mundo afora, mostra bem a surpresa de todos os envolvidos diante do sucesso do primeiro filme da série, em 1977, cujo roteiro fora rejeitado por dois grandes estúdios de Hollywood. *Guerra nas Estrelas* era esperado como um filme B, e, de fato, era uma aventura espacial à moda de Flash Gordon. O motivo da explosão que deu início ao entretenimento cinematográfico, tal como o conhecemos hoje, é ainda um tanto polêmico. A mitologia? Os efeitos especiais? Os anos 80 na esquina? Lucas deu a dica da resposta em sua própria jornada, erguendo mega-empresas de tecnologia para entretenimento que redimensionaram Hollywood. E, desde então, tornou-se um clichê dizer que “a força esteve com ele”.

A AMEAÇA FANTASMA

Vinte e dois anos depois, o dia de lançamento de *Guerra nas Estrelas - Episódio I - A Ameaça Fantasma* foi aguardado com clima de feriado nacional. Empresas liberaram mais cedo seus funcionários e escolas reclamaram ao ver suas salas de aula vazias. Os americanos pararam o país para descobrir a infância de Darth Vader, inspirados nos bilhões de dólares de marketing e merchandising gastos por Lucas e aliados (como a Pepsi e a cadeia

Pizza Hut) para celebrar o retorno da Força em clima de final de Copa do Mundo. Tudo convergindo para provar que ir ao cinema nos EUA permanece um ato sagrado, como erguer o sabre de luz diante das sombras, conhecer a história (*Saving Private Ryan*) e celebrar dias pátrios (*Independence Day*). Se, em 1977, Lucas reinventara uma demanda por ficção científica e a preencheria, hoje essa demanda parece ter, no mínimo, duplicado. A geração que assistiu ao *Guerra nas Estrelas* em 1977 irá certamente levar seus filhos para conhecer o filme de suas vidas, e dessa forma, nas últimas duas décadas, Hollywood ampliou seus domínios para a Europa rearranjada pós-1989, para a América Latina e ao Oriente que agora bebe Coca Cola.

LIMA NOVA ESPERANÇA

Para alguns países, o novo episódio será uma experiência inaugural, e nesse sentido celebram fãs, executivos da Warner, da Columbia, da Fox, da Disney e de todos os outros estúdios, até os anônimos figurantes que usam as máscaras brancas do Império. Para eles, a destruição do Império significa outra coisa, e Lucas promete superaquecer as galáxias mais distantes. Dentro dos EUA, a ansiedade do público pela mitologia de Lucas só confirmou seu estratosférico potencial com o relançamento da trilogia há dois anos. Nos americanos, *Star Wars* inspira um culto, assim como o Halloween, em nome de um esforço de guerra que faz paródia de si mesmo. Os milhões de dólares rendidos pelos três filmes só confirmaram

WARS

D I O I

por:
Alfredo Maney
Bruno D'Angelo
Marcelo Furquim

a hipótese de que 1999 era mesmo o momento de Lucas: o marketing de vinte anos chegaria ao fim vitorioso. No final de 1998, quando o primeiro trailer do *Episódio I* estreou nos Estados Unidos, espectadores lotavam os cinemas para assisti-lo. Muitas vezes até dormiam durante o filme e acordavam para ver novamente o trailer na sessão seguinte. A magia de Lucas consiste em redimir o consumo patológico dos americanos, dando um sentido lúdico para o esvaziamento dos bolsos: comprar bonecos é sentir-se parte de um time de consumidores ainda maior, encontrar o vizinho no cinema e depois no supermercado e alegrar as crianças. Já o segundo trailer obteve mais de 10 milhões de downloads feitos através da Internet. *Matrix*, ficção-científica lançada estrategicamente um mês antes do *Episódio I*, obteve um sucesso estrondoso, e muitos o atribuem ao desejo sublimado de ver o novo filme de Lucas. Assim, 4,5 bilhões de dólares depois (faturados apenas em merchandising de brinquedos e outras bugingangas baseados nos enredos da trilogia e do novo filme), Lucas anunciou que *Episódio I* custou \$ 150,000,000 dólares. Um negócio para Jabba nenhum botar defeito, que revela o filme apenas como a mola propulsora de uma engrenagem dez vezes maior.

O IMPÉRIO CONTRA ATACA

As filmagens duraram apenas 65 dias e foram terminadas em 1997. Por sua vez, a finalização do filme, feita nas instalações da Industrial Light and Magic, só se encerrou por volta de um mês antes da estreia do filme nos Estados Unidos, em 19 de maio. O motivo, é claro, efeitos especiais. Quanto ao argumento, reza a lenda que não passa de algumas anotações a

lápiz no caderno pessoal de Lucas, feitas antes mesmo de seu primeiro *Guerra nas Estrelas*. *A Ameaça Fantasma* tem 2.200 cenas com efeitos especiais (*Titanic* teve 500), que foram elaborados 24 horas por dia pela equipe dos magos da computação comandada por George Lucas. Se, em 1977, estava em jogo o advento dos efeitos especiais como critério de qualidade do entretenimento, Lucas sabe que 1999 é o momento em que a revolução digital, já iniciada na esfera da produção, precisa se efetivar completamente na exibição com as primeiras "projeções" digitais de *Episódio I*. Nesse sentido, se esconde por trás do movimento de Lucas uma transformação que irá baratear custos e transformar Hollywood num cassino sem perdedores à mesa.

O RETORNO DE JEDI

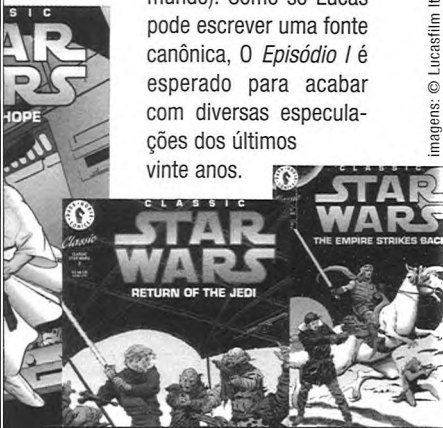
Muitos, no entanto, questionam se *Guerra nas Estrelas - Episódio I* terá tamanho fôlego para preencher as expectativas de Lucas, satisfazer os fãs e ultrapassar *Titanic* como a maior bilheteria do século. Jornalistas americanos, em vez de discutir o que o filme representa historicamente, já estão criticando o novo episódio, como se problemas de roteiro e o envelhecimento do gênero importassem para uma audiência que, no fundo, quer mesmo é ficar na fila por até três dias esperando Darth Maul para ter assunto durante todo o verão. Afinal, final de Copa é final de Copa, com ou sem Zagallo.

E não torcer é não viver.

Paparazzi intergalático

Dizem as más línguas que Han Solo se casou com a Princesa Leia, com quem teve dois filhos gêmeos. Mas não viveram felizes para sempre, pois Luke, irritado, foi para o lado negro da força, depois de *O Retorno de Jedi*. Os fãs gostam de ler estas especulações, mas sabem que são apenas um exercício de imaginação. Para separar o que realmente aconteceu dos boatos e das romancizações de má fé, os fãs mantêm vigilância cerrada, desde que Lucas permitiu as inspirações mas não assinou embaixo delas. As fontes canônicas são separadas das livres inspirações, quadrinhos e romances que contam histórias dos personagens principais depois do fim da trilogia, e até de personagens secundários vivendo suas próprias histórias em outras galáxias (como um livro que é totalmente protagonizado por Boba Fett, o mercenário que aparece só por alguns minutos na trilogia, entregando Han Solo para Vader. Boba Fett tem sites dedicados a ele em todo o mundo). Como só Lucas pode escrever uma fonte canônica, *O Episódio I* é esperado para acabar com diversas especulações dos últimos vinte anos.

imagens: © Lucasfilm Ltd. & TM all rights reserved



Teoria do Autor



Além de ser o guru da Hollywood atual, Lucas se considera o mais independente dos cineastas, um *self-made man* que não digeriu a mutilação de seus dois primeiros filmes e decidiu criar condições para não permitir interferências em seus trabalhos. Gosta de deixar claro que pode parar as filmagens quando quiser, bem como a pós-produção. “Meu filme só termina quando eu acabar”, diz ele, citando Michelangelo. Não há executivos lembrando prazos, pois o mundo onde Lucas dirige é totalmente criado por ele, à sua imagem e semelhança. Ali, Lucas se comporta como um *Jedi Master*, não recebendo instruções de Hollywood há mais de vinte anos. Lucas controla a *Lucas Filmes* (a *Holdering*), a qual, por sua vez, controla a *Lucas Digital* (*Industrial Light and Magic* e *Skywalker Sound*, duas empresas de finalização). Controla ainda as Lucas Arts Entertainment e Lucas Learning (empresas de entretenimento e educação através da informática); THX (empresa de tecnologia de som para salas de cinema) e a Lucas Liscensing, empresa que transforma os filmes em milhares de outros produtos. “Eu sou o mais independente dos cineastas americanos, controlo todo o processo de criação do começo ao fim. Não posso fazer nada se Hollywood me imita”.

00:00h – 19 de maio – EUA

por Shane Amaya

Vinte minutos antes da cortina ser levantada para *A Ameaça Fantasma*, a tão esperada *prequel* de *Guerra nas Estrelas*, dois fãs estavam lutando no palco com sabres de luz, um vermelho e um verde, pelo destino do Universo – até a segurança chegar! Cinco minutos antes das luzes se apagarem, uma dúzia de rolos de papel higiênico se desenrolavam sem fim pelo enorme teatro; Trinta segundos para o show começar, e fileiras atrás de fileiras faziam a “ola”. Quando as luzes se apagaram, tudo o que se podia ouvir eram gritos, o trovão de mil pés batendo e, quando o filme começou com “numa galáxia muito, muito distante”, 2000 fãs explodindo – a longa fila e a longa espera haviam terminado.

A *prequel* havia chegado.

Foi uma incrível experiência cinematográfica: durante as cenas de luta, nós vaiamos o mal e aplaudimos o bem e, finalmente, ovacionamos o filme de pé. Depois da sessão, todos nos reunimos, não querendo ir embora do cinema e ainda saboreando a experiência – e bebemos o resto de nossas cervejas escondidas. Alguns até compraram ingressos para o dia seguinte. Veja duas vezes, veja três vezes – apenas, tenha certeza de ver!!

Shane Amaya tem 24 anos, é norte-americano, morador de Santa Bárbara, Califórnia.



Levantando a máscara do mito por Newton Cannito

Não sei porque, afinal de contas, o Skywalker é o herói de *Guerra nas Estrelas*. Pode ser que Luke seja o herói por ser o filho do Darth Vader, mas eu perguntaria ao George Lucas: por quê? A tal da Força escolhe as pessoas pelo DNA ou por méritos pessoais (coragem e competência)? A tal da Força é feudal ou capitalista, aristocrata ou republicana? Eu, se fosse a força, pensaria nos méritos pessoais e me entregaria de corpo e alma ao Han Solo (se é que a força tem corpo).

Aula na academia

Caso o leitor não saiba, *Guerra nas Estrelas* é muito mais do que um filme: trata-se de um fenômeno cultural e deve ser analisado como tal. George Lucas revitalizou Hollywood em 1977 ao recriar, com efeitos especiais inovadores, o enredo clássico de aventuras, típico de seriados televisivos.

A proposta de George Lucas era trabalhar com a estrutura mitológica, recriar o ciclo do herói, tal como descrito por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*. O grande mérito de Campbell é procurar o que existe de comum em mitos de todos os povos, o que, segundo ele, define a estrutura arquetípica presente nesses mitos. Nada mais adequado para as superproduções de Hollywood que querem agradar a todos os públicos ao mesmo tempo, de crianças ianomamis a velhinhos chineses. O fato é que a fórmula funciona ainda hoje (caso de *Titanic*).

A chatice do herói

Mas eu não sou a Força. A Força (que tem corpo, sim senhor) é o George Lucas. E ele escolheu o Luke. Um herói estranho, autoconsciente, abnegado e decidido a salvar o universo. O bom herói se envolve sem querer na ação, e mesmo assim quer mesmo é voltar para casa. Acaba

virando herói na última hora, por uma espécie de instinto, tal como Humphrey Bogart em *Casablanca*, como o Woody Allen em *Formiguinhaz*, ou como Han Solo em *Guerra nas Estrelas*. Já Luke é um herói orgulhoso que se torna chato.

Como se não bastasse, Luke está sempre estressado e sem mulheres. E eu, aqui comigo, não volto atrás: herói sem mulher não dá.

A destruição do mito

A grande limitação de Campbell é não se ater às diferenças. Sua ênfase nas estruturas acaba por menosprezar as “mil formas” de contar as histórias e, obviamente, as ideologias contidas em cada uma delas. Campbell teoriza sobre o fascínio das narrativas mitológicas, mas se esquece de descrever a forma como cada povo, cada pessoa, recebe a mesma narrativa.

Mas o fato é que cada mito tem uma ideologia. Desvendá-la é o primeiro prazer do receptor consciente.

A ideologia da Força castrada

O que os dois lados da Força (o branco de Luke e o negro de Vader) têm em comum é justamente a seriedade, a chatice e a castração. É estranho como o mal é chato em *Guerra nas Estrelas*. Vader fala do fascínio do lado negro, mas tudo o que vemos é uma máscara dura e um imperador alucinado. Nada de lindas mulheres, de dinheiro, de diversão. Nesse sentido o mal se aproxima do bem, também ascético e castrado. A ideologia de Lucas (a Força) não consegue conceber um herói que tenha namorada e salve o mundo, que concilie suas preocupações “sociais” com sua vida privada.

A recepção do mito

O segundo passo de uma boa análise

sobre os mitos é inseri-los dentro da sociedade e perceber a forma como ele é recebido. E é essa a forma de recepção que *Guerra nas Estrelas* nos propõe. Seu tom de farsa, seus toques cômicos, seu deslocamento espacial e temporal, tudo contribui para que o filme seja recebido como mero entretenimento. Por isso, qualquer leitura de sentido, tal como a feita acima, é apenas mais um exercício lúdico, mais uma das milhares formas de ler o filme e se divertir ainda mais com ele.

Ficção x realidade

Guerra nas Estrelas, assim como *Star Trek*, criou verdadeiros grupos de jovens seguidores. Eles discutem os filmes, lêem livros de continuação, compram bonecos, joguinhos de computador, roupas e se informam sobre o funcionamento das naves. Muitos deles vivem boa parte do seu dia nesses universos paralelos, brincando ludicamente com essas histórias.

Até aí eu acho ótimo. O pouco que conheço é suficiente para demonstrar que eles recebem essas obras tal como eu as recebo: de uma forma bem-humorada, cínica (no bom sentido do termo), sem levar sua estrutura ficcional simplificada a sério. Descansar com ficções infantilídeas é ótimo e ouvir contos de fadas também. Discuti-los é ainda melhor.

O problema só começa quando perdemos a noção dos limites. Começa quando Ronald Reagan, um ator cowboy fascista, se torna presidente dos EUA e lança um programa militar chamado *Guerra nas Estrelas*, que utiliza a fama do filme para preparar uma guerra real. O problema, portanto, não é jogar video-game com os amigos. É quando assistimos a guerras reais na televisão e nos entretemos, como se assistíssemos a *Guerra nas Estrelas*. O problema não é curtir a ficção, mas confundi-la com a realidade.